



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

TRANSCRIÇÃO SUELY ROLNIK

[00:00:00.00] CRÉDITOS

[SUELY ROLNIK]: Bom, eu agradeço essa oportunidade de ser convidada entre os Psicanalistas que falam, com alguns colegas. Então vou tentar falar, né? Aquilo que eu posso...

Então eu gostaria de começar dizendo que, no meu entender...

E nesses meus 50 e tantos anos de prática ou mais amplamente nos meus 73 anos de vida, eu acredito que Freud inventou a psicanálise impulsionado por uma urgência no século XIX de reconectar o espírito com a pulsão. E é por isso que eu sou muito grata a ele e acho que ele teve uma intuição e uma coragem e uma capacidade de construir isso não só teoricamente, mas também inventando um ritual regular no qual se opera essa conexão e isso pra mim é de uma extrema importância.

Eu vou tentar explicar por que que eu considero isso uma urgência e é fabuloso que alguém no século XIX tenha peitado essa urgência. Com erros e acertos, depois eu falo disso, como não poderia deixar de ser.

Eu até diria isso de uma outra forma: o que funda a psicanálise é a necessidade de nos reconectar com a nossa condição de ser vivo, parte de um ecossistema que, como disse o [Félix] Guattari, não é só ambiental, é social e mental.

Bom, então, nesse sentido, a melhor maneira que eu encontro pra começar falando disso é observando parentes nossos, não humanos, então eu vou falar da aranha. Porque é muito difícil poder falar disso na experiência humana, porque a experiência humana no regime colonial-racializante-capitalístico está baseado exatamente nessa desconexão entre o espírito e a pulsão e nesse recalque da nossa condição de vivente. Isso é gravíssimo, mas eu vou tentar dizer por que é que eu acho tão grave.



Então vou começar contando como funcionam as aranhas, porque acho que isso pode nos ajudar.

Todo mundo sabe que aranha tem aquele fio, né, de seda, inclusive é o fio mais plástico e, ao mesmo tempo, mais forte e difícil de arrebentar que existe no mundo, na natureza inteira. Então esse fio de seda que ela lança no ambiente vem de uma glândula que fica atrás do abdômen dela. E essa glândula tem lá umas proteínas, sei lá o que, porque eu não sou cientista, que aí tem umas canaletas que chamam fiandeiras, como as mulheres que fiam algodão e lã pra fazer tecido, tem umas fiandeiras que transformam aqueles elementos em fio e esse fio é lançado no ambiente. Beleza. Porque é com esse fio que depois vai fazer as teias, isso a gente sabe. O que a gente não sabe, pelo menos eu não sabia e me ajudou muito a nos pensar, em nós humanos e a que vem a psicanálise é: esse fio ele tem capacidades vibratórias, das forças dos diferentes componentes daquele ecossistema, e essas vibrações elas vêm pelo fio por ondas até chegar no corpo da aranha, quando chega no corpo da aranha ela sente o que está acontecendo no ambiente, mas aí ela só está sentindo, é passiva essa experiência. Mas é aí que vem a coisa mais extraordinária. As patinhas delas têm uns pelos nas ponta, e com duas dessas patinhas e com esses pelos, a patinha toca o fio, e quando ela toca o fio, a aranha tem a capacidade de decifrar o que são aqueles efeitos, o que são aquelas afecções no corpo dela, ela decifra.

[00:05:03] E esse conhecimento dela como ser vivo, afetado pelas forças do ambiente que é conhecimento primordial que vai orientar as respostas dela ao ambiente, é com esse conhecimento, que a gente pode chamar de conhecimento do vivo, conhecimento do corpo vivo, é esse conhecimento que vai orientar aonde, em que pedaço daquele espaço que ela vai fazer a teia, conectada com quais elementos do ecossistema, o tipo de arquitetura que vai ter essa teia... Em função do que? Em função do que aquele corpo vivo, do que a vida naquele corpo está necessitando pra manter o ritmo e seu fluxo e se manter em equilíbrio. Então ela vai usar... As teias vão depender se ela encontrou ali uma possibilidade de alimento, então vai pegar alguma coisa ali pra



PSICANALISTAS QUE FALAM

alimentar; se existe ali algum predador, tipos predadores que estão no poder no Brasil, esse tipo de força... Então ela vai saber como se proteger dos predadores, como reagir; se ela precisar captar um esperma de um macho – não sei se chama esperma, me perdoe minha ignorância, porque o esperma é captado no ar e depois trazido pro corpo dela, então é também uma teia de sedução pra captar, pra que o macho produza o esperma; outra teia que vira casulo pro que vai nascer daquela fecundação... E assim por diante, né?

Bom... Isso que a gente pode enxergar na aranha – por isso que eu gosto desse exemplo, a teia a gente vê, o fio a gente vê, a gente vê as diferenças de teia, a gente vê que a teia é colocada aqui e não ali, para que, com que necessidade daquilo que a vida tá pedindo, né? A gente vê, mas isso é próprio de todos os seres vivos, incluindo os humanos.

Como é que seria isso no humano? Porque a gente não enxerga o fio e as teias.

Eu diria que no humano, o fio é o fio pulsional, que é a vida que anima nosso corpo em contato com a vida que compõe todo aquele ecossistema – como eu disse não só ambiental, mas também social e mental – e que esse contato é fundamental, é o conhecimento fundamental, é dali que vem o conhecimento fundamental pra se situar no ambiente e saber que respostas a gente vai dar, o como a gente vai agir e pensar, pra que a vida se mantenha em equilíbrio, né? E o que seriam as patinhas da aranha? Que só dá pra falar em português, porque, por exemplo, em inglês não é patinha, é perna, são as patinhas do espírito, e não dá pra falar que são as pernas do espírito, então são as patinhas do espírito. O espírito põe as patinhas ali no fio pulsional e decifra.

A gente pode chamar isso, como eu falei, de saber do corpo, saber do vivo, saber do corpo vivo, saber etoecológico... Guattari chamou de Ecosofia, que eu acho muito lindo ecosofia porque é uma brincadeira linda e muito precisa pra substituir a palavra filosofia. Porque filosofia quer dizer *amigo do saber*, ecosofia quer dizer *saber ecológico*. A questão do espírito não é ser amiguinho do saber, a questão do espírito, a função do espírito é o saber ecológico, o saber da nossa condição de vivente.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Bom, então, dito isto, o que acontece no humano quando o espírito toca o fio pulsional? Como na aranha, ele situa perfeitamente o que se passa no ambiente do ponto de vista vital, das frequências de vibração dos diferentes elementos que estão compondo aquele ambiente e é como se... "É como se" não, não é uma metáfora, né, aquele corpo é fecundado pelos efeitos do ambiente...

O movimento antropofágico, que tinha basicamente machos, assim, falava que a gente come o outro, eu acho que a gente é fecundado pelo outro, enfim... Então, aquela coisa de *garçonnière* que tinha, então, a gente é fecundado pelo outro. Então, assim, ao ser fecundado, ou seja, ao receber os efeitos das forças que estão em relação... As frequentes vibrações que estão ali naquele ambiente, ao receber esses efeitos no corpo, aquilo passa a compor o corpo, quer dizer, o outro nessa dimensão da experiência ele não é uma coisa que está fora de mim: eu-sujeito, ele-objeto, ele é uma coisa que passa a me compor.

[00:10:19] Mas passa a me compor como eu falei da aranha: num primeiro momento eu só estou sentindo aqueles efeitos, que eu posso chamar de afecções, usando conceito Deleuze-Guattari, que vem lá do Spinoza, mas que eu tô usando à minha maneira porque em mim se compõem alguns franceses, alguns indígenas e várias aranhas.

Então... Vou pegar uma aguinha aqui...

Bom, então, quando no humano eu tô tomada – eu agora vou falar em primeira pessoa: eu sujeito humano – tô tomada por esses efeitos, por essas afecções, elas passaram a compor meu corpo, elas produziram no meu corpo um estado inédito, esse estado inédito ele não tem palavra, não tem imagem, não tem um gesto, mas ele é real, até eu diria que este é o real propriamente dito. E, ao mesmo tempo, uma outra dimensão minha como sujeito – assim como a aranha tem um organismo que é específico, com funções específicas, num modo de estar naquele ambiente que também tem um código específico, os humanos também.

Então o sujeito humano tem uma faceta dele, uma face da nossa experiência que é estruturada segundo a cartografia sociocultural onde a gente se encontra e é com isso



PSICANALISTAS QUE FALAM

que eu me reconheço, reconheço o outro. E, nessa esfera da minha experiência, o outro é alguma coisa que está fora de mim, sujeito-objeto, e quando eu percebo o outro, seja visualmente, auditivamente ou tocando etc, a minha percepção imediatamente é associada às representações que compõem meu repertório. E, com isso, eu projeto, eu capto, eu seleciono representações que têm a ver com aquilo que eu tô percebendo e projeto isso sobre o que eu percebo, sobre o suposto objeto, e com isso eu atribuo um sentido ao mundo e a mim, ao outro e a mim e posso me comunicar, né?

Enquanto que, nessa outra faceta da experiência, como vivo, como ser vivo, como vivente, esses efeitos que se produzem no meu corpo, vindo das forças do ambiente, e trazidos pelo fio pulsional até meu corpo, ao meu corpo, eles não têm imagem e palavra, eles não são associáveis a representações, é um outro tipo de experiência. Aquilo passa a compor meu corpo, e é como se eu tivesse ao mesmo tempo – pra cá eu vou até trazer os Guarani pra nos ajudar.

Eu não tenho pretensão nenhuma de ser conhecedora das culturas indígenas, mas eu me dou o direito de me alimentar de forças que vêm dos guaranis e que habitam meu corpo. E sobretudo através de certas palavras.

Os Guarani, o termo que eles usam pra dizer "palavra" vem junto com a "alma", é "palavralma", só que "palavralma" não tá grudada, tem uma potência de contração entre a palavra e a alma, que pode acontecer ou não. E pra eles todas as doenças vêm da separação entre a palavra e a alma.

Outro termo dos Guarani é pra designar a garganta, pra designar a garganta, se eu for traduzir literalmente é "ninho de palavralmas". Bom, se os Guarani chamam garganta de "ninho de palavralma", porque a garganta tá aqui e a palavra sai por aqui, então "ninho de palavrasalmas" quer dizer que eles sabem que nós somos fecundados pelo ambiente e que esse ambiente produz embriões que ficam aninhados no corpo e que vão poder, ou não, germinar.

Porque essa primeira experiência eu poderia até chamar de alma dessa perspectiva, porque alma no ocidente tá lotada de... "fake news", né? "Fake news"! Vamos



PSICANALISTAS QUE FALAM

ser mais clara! Lotada de *fake news*! Então é muito complicado, é melhor largar. Mas com essa imagem eu posso dizer que a alma é esse plano ainda das afecções: tô fecundada pelo ambiente, tem embrião de mundo na minha garganta, mas aquilo é uma experiência passiva, é embrião. Eu não sei que cara vai ter isso, eu não tenho a menor ideia, não tenho expressão nenhuma. Não vem com expressão, é um estado do vivente, ainda não ganhou seu corpo-expressão, né?

[00:15:10] Então, voltando pra imagem, quando eu sou afetada pelas forças do ambiente e aquilo produz esse estado, esses embriões que me habitam, que não tem cara, não tem imagem, não tem palavra, aquilo me produz um certo desconforto, um certo estranhamento, vamos dizer primeiro. Mas esse estranhamento também produz uma espécie de desconforto e de mal-estar em relação àquilo que eu já tenho no meu repertório que produz a minha autoimagem e a imagem do outro, aquilo fica meio desestabilizado. É como se eu tivesse habitado por um mundo que me estrutura, mas que está ali não fazendo muito sentido, e ao mesmo tempo habitado por um mundo que está por vir, que está nesses embriões, mas que não tem palavra. Então essa tensão me coloca numa desestabilização, é como se a gente estivesse em estado de suspense.

Sabe como num filme de suspense, a gente sabe que alguma coisa aconteceu, mas a gente não sabe o que é, vai ter que acontecer plenamente, vai ter que se apresentar ainda, mas já aconteceu.

Então, no humano... Essa tensão que eu falei entre os dois, essa fricção entre essas duas facetas da nossa experiência que produz esse estado ela é uma espécie de alarme vital, é como se a vida estivesse acionando seu alarme pra dizer: "I can't breathe, I can't breathe" – desculpe também me apropriar de uma frase que tem um sentido pra nós hoje muito específico e que vem da racialização dos corpos negros, e que desencadeou uma cena e que desencadeou um movimento global. Então desculpe me apropriar dessa imagem, mas só estou querendo me estender a uma coisa que tá por trás, que é muito primordial e que atravessa tudo na nossa sociedade.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então, beleza, então... "Beleza", né? (riso irônico). Então a vida solta o alarme "I can't breathe", eu tô sufocada nessa forma de existir, porque já tem alguma coisa em embrião e isso daqui vai ter que ganhar um corpo. Desculpa, não dá, assim não dá. Bom, enfim...

O que em nós responde, o que no sujeito humano responde a esse chamado, a esse alarme vital? É o desejo. A pulsão se põe em movimento ali, o desejo é que vai levar esse movimento pra alguma direção, com o intuito, do ponto de vista do sujeito, de me trazer de volta um autorreconhecimento e um conhecimento do mundo, mas do ponto de vista do sujeito na sua dimensão egóica, nessa dimensão pessoal. Mas nessa outra dimensão transpessoal, onde eu não sou se não um feixe de forças em conexão com as demais forças que compõem o ecossistema ambiental-social-mental, repito.

Então, do ponto de vista... Agora eu me perdi um pouquinho, mas depois vocês cortam o perdido.

Então, o que acontece? O desejo vai ter que responder a esse chamado, beleza, aí eu falei: "Em função do que, com que objetivo?". Pra nos devolver um equilíbrio, pra vida retomar o ritmo de seu movimento, porque ali tá meio parado e desequilibrado. Então um equilíbrio do sujeito que tá se sentindo totalmente desestabilizado nas referências dele, na autoimagem, na imagem de mundo, mas mais fundamentalmente junto, porque essas coisas são inseparáveis, voltar a um equilíbrio da vida, que a vida possa estar plasmada num modo de expressão – porque não existe vida "good vibes" assim solta, e nem existe corpo nenhum que não seja um tipo de vida que tá plasmada naquele corpo. Então pra que aquilo que já tá em embrião ganhe um corpo e passe a compor a existência, um corpo com sua expressão, né?

Bom, então o corpo vai ter que responder: qual a melhor resposta do desejo pra isso no sujeito humano? Vamos primeiro dizer nos viventes em geral: qual a resposta dos viventes em geral pra esse alarme vital?



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

[00:20:03] A resposta é que... Que a resposta seja orientada eticamente – mas isso é mais do plano do humano – digamos que seja dos viventes em geral, que ela seja orientada em que direção? Na direção em que a vida no ecossistema recobre o ritmo e seu movimento, recupere um equilíbrio e que é um novo equilíbrio. Tem até aquela ideia de metaestabilidade lá do [Gilbert] Simondon, não é? "Ah, é uma estabilidade" ... Não, tá sempre refazendo uma estabilidade através desse processo, que, por sua vez, vai ser de novo desestabilizada por novos embriões, que surgem sempre dessa conexão entre os vários elementos do ambiente. Isso quando a gente olha as plantas isso é muito nítido, como elas mudam de forma em função do que tá acontecendo.

Bom, pra nós é bem mais difícil, né? E vou dizer por que que é bem mais difícil, né?

[00:20:15.00] Quando eu digo "nós" é nós brancos sob regime colonial-racializante-capitalístico, nascido no século XVI, com a colonização, a escravidão e o nascimento do capitalismo. Bom, mas vou dizer por que que é tão específico, que especificidade é essa, né? Bom, então isso seria no campo lá dos viventes, vai surgir... Por exemplo, no campo da aranha surge uma teia e essa teia passa a compor o ambiente e transforma o ambiente, essa teia entre aranha e vários elementos ali e que vai produzindo algo que vai dando uma outra cartografia pra aquele ambiente.

No caso do humano, então a melhor resposta do desejo, a mais saudável – lembrando que para os Guarani: "palavra" e "alma" não podem se separar – então a melhor resposta é aquela que vai se orientar num sentido de um processo de criação que sempre se dá numa teia, num campo relacional, que desse processo surge algo que pode ser um novo modo de existência, um outro tipo de sexualidade, um outro tipo de relação com alimentação... Mas também pode ser uma obra de arte e por aí vai... que é portador, que o resultado é a germinação desse mundo por vir, que ele tava ali dando nó na garganta, porque era o ninho das "palavralma" ali e que resulta nisso e isso vai mudar a configuração, tanto do campo social como dos elementos que o compõe, da subjetividade também. Não só da subjetividade daquele que participou singularmente dessa maneira com aquilo que o



PSICANALISTAS QUE FALAM

ambiente tava pedindo, mas a subjetividade de todos os envolvidos. É toda uma cartografia sociocultural que se transforma.

Bom, por que que é orientado nessa direção? Aí vem uma lição do Spinoza, século XVII: judeu, família teve que fugir da inquisição, que é bom lembrar que durou os mesmos três séculos que a escravidão, sem querer fazer comparações sobre diferentes tipos de trauma, mas foram três séculos de perseguição, e uma parte foi lá pra Holanda e daí nasce o Baruch Spinoza, Beneditus Spinoza, bendito Spinoza, que se ligou nessa, porque isso também vinha da cultura judaica medieval que foi totalmente massacrada pela inquisição, como foram as culturas árabes da península ibérica e como foram as culturas cristãs pré-Império Romano e isso foi igreja apostólica romana, que serviu de base pra preparação do terreno disso que nós vivemos hoje, né? Que foi a cafetinagem do Cristo, que era um ativista lá do Oriente Médio. Um ativista que trabalhava nas duas frentes, ele tanto era um ativista contra a elite judaica daquele pedaço, com aquilo que essa elite expropriava dos demais, mas ele era um ativista também da conexão da pátria, do espírito, com o fio pulsional. Foi cafetinado, botado na cruz, mas isso não é o nosso assunto. Beleza. Então o que o Spinoza dizia? O Spinoza dizia: "o que a vida quer é perseverar". Só isso. Princípio fundamental: a vida quer perseverar. Bom, mais uma aguinha...

Voltando ao que eu tava falando pra vida perseverar a melhor resposta do desejo é se orientar na direção da criação de algo que vai devolver à vida a possibilidade de resgatar o ritmo no seu movimento, tá?

[00:25:00:00] Bom, então diante disso que eu tava falando, onde que eu enfio a noção de inconsciente? Onde que eu enfio? (risos). Pra que que ela me serve, pra jogar no lixo? Não (risos). Ela é fundamental! Bom, vamos dizer que nesse processo que eu acabo de descrever ele funciona como uma fábrica de mundo constante, que produz constantemente o mundo e a nós mesmos.

O inconsciente é esta fábrica de mundo, mas esta fábrica de mundo, dependendo que tipo de resposta do desejo predomina na gestão da fábrica, é um tipo de produção



PSICANALISTAS QUE FALAM

tanto de subjetividade quanto das formações inconscientes no campo social como se diz na psicanálise. Então disso vai decorrer, como eu disse, um tipo de sociedade e um tipo de sujeito em que a vida vai ter oportunidade de se manter em equilíbrio em diferentes graus, da maior potência à sua menor potência, à interrupção dos processos.

E se o inconsciente é essa fábrica de mundo, beleza, então eu diria, assim, que do ponto de vista – e agora eu vou começar a pôr a palavra psicanálise – do ponto de vista psicanalítico, do ponto de vista pulsional (risos) as diferentes culturas se distinguem por aquilo que está na gestão, no tipo de resposta ao desejo que é dominante na gestão da fábrica de mundo que é o inconsciente.

Então, por exemplo, se eu pego... Um exemplo bem, assim, vago, porque eu não sou antropóloga e, como eu confessei aqui, não teria a pretensão de dizer que conheço cultura indígena, eu tô deixando muito claro que o que me fecunda são apenas alguns termos da língua guarani que eu tenho aprendido graças ao Ticio Escobar e aos paraguaios, que é o único país da América Latina que manteve pelo menos a cultura guarani ativa em 80% da população, embora haja muitas outras línguas indígenas no Paraguai e que são consideradas hoje em dia, graças ao Ticio, inclusive, como Ministro da Cultura que estabeleceu a legitimidade de todas essas línguas. Claro, quando eu digo "graças ao Ticio" é porque isso vem de um imenso movimento e ele só como Ministro da Cultura autorizou. Imagina, claro que isso não é produto de gente, isso é produto de uma construção coletiva. Mas, enfim, essas palavras têm me alimentado muito, junto com as aranhas então é uma coisa! Me ajuda muito a tornar aquilo que em mim habita vindo dos franceses, uma língua mais latino-americana, sabe? Porque se não fica aquele "blablablá" de *fetichizar* conceito só porque é europeu, mas tem europeus que estavam na batalha pra essa reconexão. Então é minha formação inicial: sou branca, judia, de classe média, de São Paulo, então na minha geração era puro francês, agora nem tem mais isso, e, ainda por cima, me exilei na França dez anos, foi isso que me levou a poder ir pro caminho que eu já sentia desde a minha infância, mas no encontro com tudo que está se produzindo na América Latina vindo das populações de origem mais indígena ou indígenas propriamente



PSICANALISTAS QUE FALAM

ou do movimento negro etc, eu de uns anos pra cá tenho a felicidade de poder encontrar palavras que estão mais inscritas na minha memória e que tem camadas e camadas e camadas de memória afetiva, então elas pulsam, elas têm muito mais alma que palavras francesas que eu simplesmente traduzo pro português, porque francês supostamente seria superior, mas disso nós falaremos.

Bom, então, voltando aqui...

Se eu for pegar o que eu imagino, do que acontece, do pouco que eu sei de uma cultura indígena, o que é que está na gestão da fábrica do inconsciente? O que é que predomina na gestão da fábrica do inconsciente?

É assim, eu vou dar um exemplo, um exemplo que muitos trabalharam e que eu aprendi isso com o Pierre Clastres, nos textos dele. Eles têm um chefe, a figura do chefe existe, o chefe é escolhido por ser aquele que melhor consegue colocar em palavras aquilo que está se passando. Desse ponto de vista do efeito do ecossistema no corpo, sobretudo quando tem momentos de desestabilização ou de conflito.

[00:30:14:00] Bom, se um chefe toma essa função como um poder pessoal, e, pior, se ele começa a querer impor o que ele acha pra comunidade, ele é imediatamente posto pra fora. Mas não tem processo de impeachment, não tem nada disso. Não tá servindo pra função, poxa, daí se encontra um outro.

O que que eu quero dizer com isso?

Outra coisa que eu quero dizer antes de comentar: existe na cultura guarani e nas culturas indígenas em geral, mas não só nela, como existia na cultura judaica pré-inquisição, numa das linhagens, porque é uma briga entre linhagens, né? E como existe em várias outras culturas, como existe nas culturas orientais, existem vários reguladores sociais que promovem o cultivo dessa resposta do desejo que eu descrevi e que eu vou chamar de resposta ativa. Resposta ativa. E vários reguladores culturais e sociais que interrompem o movimento quando a resposta é como essa que eu falei, do exemplo do chefe, mas que pode se dar em vários âmbitos da vida social, ou seja, quando a resposta



PSICANALISTAS QUE FALAM

não vem mais orientada por aquilo que a vida está solicitando em seu alarme, e é desviada desse destino ético que é poder perseverar, a vida poder perseverar.

Bom, então, eu chamo isso de regime de inconsciente e que se define, como eu disse, segundo qual tipo de resposta do desejo predomina na gestão desta fábrica de mundos, né?

Antes de dizer então como funcionaria o regime de inconsciente na nossa cultura, que é isso que me interessa estar compartilhando aqui pra até chegar e dizer: "Bom, o que isso tem a ver com psicanálise?", que eu comecei falando de Freud e que isso? Tá falando o que? Bom, então, antes de entrar nisso, eu diria assim: esse é um campo da política, mas que é distinto do campo da política no sentido que a gente conhece e atribui a esse termo na nossa cultura que tem a ver com a existência do Estado, que eu vou chamar de dimensão macropolítica. Por que ela tem a ver com que essa dimensão macropolítica? Com o modo como está distribuído os bens materiais e imateriais numa dada sociedade, que passa por uma regulação do Estado e a luta política nesse campo implica numa guerra de interesses em relação a essa distribuição.

E a melhor posição, como eu disse, nesse outro campo é que o desejo responda à altura do que a vida tá pedindo pra vida poder perseverar, que esse é o destino ético. No campo da macropolítica, que tem a ver mais com essa outra dimensão da subjetividade, que eu chamo da dimensão pessoal e que tá estruturada segundo essa cartografia sociocultural, no campo da macropolítica qual a melhor posição? A melhor posição que a gente chama de esquerda, e eu nasci de esquerda e vou morrer de esquerda e honro muito todos os meus ancestrais nessa batalha. E o que eu vou dizer aqui é pra contribuir com essa tradição e não pra me contrapor, muito pelo contrário, é pra nos juntarmos. Então em que que consiste ser de esquerda? É um interesse por uma distribuição mais justa. Isso passa por uma série de dispositivos que eu não vou falar aqui, se não só falaria disso, mas, enfim, isso visa o que? A melhor distribuição de riquezas e isso passa, inclusive, por uma luta pelo poder do Estado, por uma luta de transformação das leis e que promova essa redistribuição. Beleza. Esse é o campo da macropolítica.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Só que por que eu falei que esse outro campo de que eu tô falando aqui desde o começo é político? E isso nós de esquerda, toda tradição de esquerda não leva em consideração e eu vou dizer o porquê. Ali a questão não é a redistribuição das riquezas ou dos bens materiais e imateriais, inclusive do próprio direito de existir. Não. Ali o combate é entre diferentes respostas do desejo, a esse chamado vital, porque dependendo, como eu disse, de cada resposta eu retomo e repito aqui e isso vai resultar em diferentes tipos de sociedade com maior ou menor possibilidade de manter a vida perseverando, mantendo o ritmo e seu movimento e não interromper esse processo.

[00:35:28] Então esse campo eu chamo de micropolítica e aí eu posso dizer que esse campo ele vai... é um combate entre as forças mais ativas, como eu falei, seria micropolítica ativa até as mais reativas.

Aí eu dei exemplo do que seria a micropolítica ativa: aquela resposta do desejo que responde à altura do que vida tá requerendo, então esse processo pulsional levado pelo desejo vai levar à criação de algo que traz esse embrião de futuro que tava ali aninhado na garganta pra passar a fazer parte da existência e transfigura completamente a cartografia atual, sociocultural.

Muito bem.

O que seria o outro extremo? Porque nenhum de nós em nenhum momento histórico, em nenhum momento de cada sociedade é só ativo ou só reativo, tá predominando. Como eu falei: na cultura indígena você tem a predominância de reguladores pra cultivar a micropolítica ativa e reguladores que interrompem um processo reativo. O que é que seria o processo reativo, o que é que seria uma micropolítica reativa? Eu falei que, claro: cada existência nossa oscila entre essas várias posições, como também... mas numa sociedade depende do grau da presença desses reguladores pra voltar pro ativo, né?

Bom, o que é que seria a resposta reativa? Agora eu vou dar o exemplo exatamente do regime de inconsciente, que eu chamo de colonial-racializante-capitalístico. E se eu pus racializante, porque antes eu chamava só de colonial-



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

capitalístico, é porque eu me dei conta, nos últimos anos, que a noção de raça é central nesse regime, nessa gestão do inconsciente. Bom, mas eu vou dizer o porquê. Em que consiste? Agora eu vou pegar o nosso exemplo... Antes de dizer isso eu vou dizer assim: um regime, seja ele qual for, não é uma abstração – o capitalismo, ou a cosmogonia indígena... Não é uma abstração, porque ela se plasma num modo de existência, num tipo de ação do desejo, num tipo de subjetividade. E isso depende de como, do que tá predominando na gestão da fábrica de mundos, que é o inconsciente.

Então, o que acontece no regime de inconsciente colonial-racializante-capitalístico? Qual é a base micropolítica? Por que isso é política? Porque se é nesse campo da fábrica do inconsciente que um tipo de regime ganha consistência existencial, não adianta eu intervir apenas como eu ser de esquerda – honro todos que fizeram isso e continuam fazendo – não basta intervir na distribuição de bens materiais e imateriais porque se a base disso tudo é essa gestão da fábrica do inconsciente tudo vai se reproduzir, tudo volta ao mesmo lugar. E não adianta, como nós ficamos chorando, choramingando pelos cantos, "ai, não sei quem traiu"... Não, tem uma razão pra isso e essa razão faz com que a gente tenha que se responsabilizar pelo ativismo nesse campo. E não ficar choramingando se depois voltar pro mesmo lugar porque a responsabilidade é nossa. É isso que eu quero contribuir com meus ancestrais de esquerda. E não eram obrigados a saber disso. Um Fidel [Castro] e aquele povo ali, aqueles machos ali que tomaram a ilha de Cuba, tiveram uma coragem extraordinária, do lado dos Estados Unidos, América Latina, como sempre, totalmente sob domínio colonial, embora a colonização supostamente... As independências tinham sido conquistadas. É maravilhoso! Eu não vou querer que aquele macho ainda por cima seja capaz de entender que se não tocar esse outro campo tá ferrado. Aí o besta do macho vai lá e persegue tudo que tá tentando fazer isso nessa direção, persegue homossexuais, persegue... Mas eu não vou cobrar. Eu vou: "Ah, não viu?". Cabe a nós ver, cara, não fica enchendo o saco, ao invés de ficar reclamando: "papai não viu".



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então, beleza. Então, como que é que funciona esse regime de inconsciente colonial-racializante-capitalístico, que é fundamental pra sustentação desse regime que nasce no século XVI, já com os antecedentes lá do Império Romano e a cafetinagem do Cristo que já vai nessa direção, né?

[00:40:25] Primeiro: essa fábrica, quais são as engrenagens principais dessa fábrica de inconsciente? Então duas engrenagens fundamentais do maquinário dessa fábrica. Porque é uma fábrica, como vocês vão ver, cuja gestão é completamente reativa, absolutamente reativa. Como é que isso se sustenta num tipo de gestão da fábrica de mundos na nossa cultura?

Primeira engrenagem: as patas de espírito foram separadas do fio pulsional e foram postas em cativo, foram sequestradas e postas em cativo. Segunda engrenagem – a segunda engrenagem é que nesse cativo, a palavra de ordem nesse cativo, o modo como funciona, porque se o espírito tá no cativo, ele tá desligado do fio pulsional, ele não tem como decifrar as afecções, ele então não tem como decifrar aquele nó na garganta dos embriões de futuro que estão ali pedindo pra germinarem, não tem como decifrar, porque é o espírito que decifra quando liga com o fio pulsional. O espírito tá em cativo. Nesse cativo vai ter que dar alguma resposta, de alguma maneira, enquanto tá vivo você tem que responder esses momentos.

A resposta que ele vai dar é em função daquelas representações que são as palavras de ordem dos sequestradores, que Guattari e Deleuze chama de sobrecodificação. E o que é que quer dizer essa palavra? Eu ainda tô procurando uma palavra que seja mais nossa, porque sobrecodificação parece uma coisa meio... Primeiro que é um pouco chique demais pro meu gosto, eu gosto de coisas mais: "Fala direito, cara", sabe? Mas o que quer dizer sobrecodificação? Quer dizer que vai se impor, que o espírito não tem como criar um corpo ali com seu código, vai se impor um determinado código, que vai orientar o desejo a produzir aquele corpo, que é isso que eu chamo de sobrecodificador, uma codificação que se impõe. Então essas são as duas engrenagens fundamentais.

PSICANALISTAS QUE FALAM

E mais, tem mais um detalhe dessa segunda engrenagem, é que essa sobrecodificação tá baseada numa suposta hierarquia ficcional e altamente patológica, é uma *fake news*, essa hierarquia – vamos chamar de *fake news*, uma hierarquia de que haveria diferentes graus de desenvolvimento humano segundo as populações. E o modelo que tá no topo da hierarquia, que seria supostamente o alto, o maior grau de desenvolvimento humano, o que que é? É o modo de existência do branco, europeu, macho, heteronormativo, milionário, tal, tal, tal, tal, tal. Antropofalocêntrico. Isso é o máximo. E todos os demais modos de existência, que correspondem a diferentes parcelas da população humana, vão ser avaliados e medidos seu valor em função de maior ou menor proximidade com esse modelo genérico. Supostamente universal e supostamente superior. Tudo *fake news*. *Fake news*, assim, de cabo a rabo. Aliás, literalmente de cabo a rabo, né?

Bom, então, muito bem. Quais são os operadores...

Não, e o espírito vai ter que se recodificar daquilo, porque não tem saída. Primeiro que ele não tem a menor noção do que está acontecendo. Dois: “bobeou, cara, você vai cair lá pra baixo da hierarquia, vai ser humilhado, vai ser estigmatizado e no limite vai ser assassinado, tá sabendo, cara? Ou vai morrer de fome”.

Bom, então, o que é que... Quais são os operadores dessa sobrecodificação? Porque eu falei das duas engrenagens: a separação das patinhas do espírito e do fio pulsional e a sobrecodificação desses embriões de futuro, do processo que vai codificar esses embriões de futuro, a germinação deles... Que não vai ser germinação, nós vamos ver. Tudo bem.

[00:45:05] Seria até mais preciso dizer: daquilo que vai sobrecodificar um processo que na verdade vai ser interrompido e que vai dar uma ilusão de equilíbrio. Bom, quais são esses operadores? Nós temos vários, eu vou citar, talvez, os principais, os que mais nos traumatizam e aí eu vou até dar o exemplo da mulher, pra dizer que trauma é esse. Da mulher e do homem, do gênero. É: a noção de raça – essa é a principal até, não sei se ela é principal, mas ela é muito fundante, porque ela é indissociável dessa *fake news*



PSICANALISTAS QUE FALAM

da hierarquia. E outra: a noção de raça que nasceu no século XVI – com isso eu tô dizendo, assim, não é que não existiria desigualdade e escravidão em outras culturas, é que na nossa cultura isso está sob a égide da *fake news* da noção de raça, o que a legitima e naturaliza.

Então, a noção de raça que aparece pela primeira vez no século XVI, no século XIX, como a gente sabe, ela ganha um certificado fraudulento – que nem a Covaxin – um certificado fraudulento de cientificidade pela ciência positivista do século XIX. Aí a ciência fala: "Não, de fato existe uma diferença mesmo, intransponível, sabe por quê? Porque ela é orgânica, ela é biológica, não tem jeito, sabe? Não adianta aprender a liçãozinha porque não rola, tem menos capacidade cognitiva"... E por aí vai. Igual no cérebro, que eles mediram o tamanho e disseram: "Isso daqui é menor".

Bom, então, os operadores são: raça, gênero – a noção de gênero destitui toda a possibilidade de seres, tenham eles nascido com genitais masculinos ou femininos, toda possibilidade de agir e se transfigurar de acordo com o que indica a conexão entre a patinha do espírito e o fio pulsional. Porque vai dar n infinitas transfigurações possíveis, tanto daqueles que nascem com pau quanto daqueles que nascem com vagina. Então a noção de gênero ela sobrecodifica, esse processo é interrompido e ela sobrecodifica e faz esses corpos se adequarem e se moldarem, segundo a noção de gênero.

Depois: a noção de heteronormatividade e a noção de cisgeneridade. Então, os operadores dessa sobrecodificação que vai se impor ao espírito para ele responder ao que lhe acontece sem saber e ele vai ter que responder dessa maneira se não está ferrado, porque está tudo baseado na hierarquia *fake news*.

O perigo de cair pra baixo na hierarquia é constante em todas as escalas da hierarquia, até quem está lá em cima. Aliás quem tá lá em cima se comporta o tempo todo pra manter... Por isso que eu tenho que roubar dois bilhões de reais de vacina ao custo da morte de grande parte da sociedade brasileira, porque "Se eu não tiver dois milhões eu não sou macho, cara". É só por isso. Porque a pessoa pergunta: "Por que você precisa de



PSICANALISTAS QUE FALAM

tanto?". "Cara, eu vou cair, eu tô aqui no topo, tô subindo, venho de uma classe média-média e eu tô subindo aqui pro topo".

Então, tudo bem, quais são os operadores dessa sobrecodificação? Eu falei da raça; gênero, tava falando da heteronormatividade e cisgeneridade, que é o que coloca esses corpos na relação entre eles sob a égide do modelo da família patriarcal burguesa – depois eu falo mais disso; Édipo, que também tem a ver com essa mesma coisa de se manter capturado no modelo da família patriarcal burguesa e por aí vai. Teriam outras, mas esses pra mim são os mais importantes.

Eu falei das engrenagens, falei dos operadores...

O que é que acontece com a pulsão com esse espírito separado dela e no cativeiro, sob o comando dessas supostas categorias superiores e universais? Supostamente superiores e supostamente universais. O que é que acontece quando o desejo vai responder comandado por esse espírito em cativeiro?

[00:50:00] E agora vocês vão ver como isso se liga com a base da acumulação de capital, porque [Karl] Marx nos ensinou uma coisa óbvia, mas que era tão invisível que a gente não enxergava, que a base da acumulação de capital, que ele chamou de mais valia, que é o quanto eu acumulo do que eu roubo do trabalho executado por aquele que produz aquilo que eu vendo. É a diferença entre o valor do salário e o valor do produto, da mercadoria que esse trabalho produz. É essa diferença que vai se acumulando no meu bolso. Se eu pago um real pro trabalho e vendo o produto do trabalho por vinte reais, descontando as minhas máquinas, a fábrica – isso eu tô falando no capitalismo industrial, depois a gente pode trazer pro capitalismo financeirizado. Essa diferença, eu subtraio isso e ainda me dá uma diferença enorme e essa diferença ela vai toda se acumulando no meu bolso. Aquele pinto vai crescendo, crescendo, fica aquela montanha, assim, de dinheiro acumulado da extração do produto do trabalho alheio. Então, isso era o que Marx via no campo de macropolítica. Vamos levar isso pra esse campo que eu tô descrevendo que é o campo da micropolítica.



PSICANALISTAS QUE FALAM

O que é que acontece com a pulsão nesse movimento do desejo orientado por esse espírito em cativeiro? Esse movimento pulsional é desviado do seu destino ético que implicaria no desejo entrar no processo de criação, sempre no campo relacional, pra permitir a germinação desse futuro embrionário até isso ganhar um corpo e transfigurar o presente, ao invés desse destino ético, a pulsão é desviada pra que o que se produza na fábrica, no inconsciente, sejam cenários, objetos, discurso, imagem etc que permitam e sustentem a acumulação de capital. Não só capital econômico, mas também capital narcísico, porque quanto mais capital eu acumulo mais eu tô garantido de ficar lá em cima no topo da *fake news* da hierarquia, e também me dá acumulação de capital político.

Então, olha o que eu acabei de falar: a base, o princípio micropolítico do regime colonial-racializante-capitalístico, quer dizer, o princípio da gestão da fábrica do inconsciente que dá consistência existencial para esse regime é a separação do espírito da pulsão em nome do abuso da vida, da cafetinagem da vida. Eu prefiro falar abuso e cafetinagem ao invés de falar expropriação. Porque pra nós, mulheres, abuso tem um sentido muito forte, muito forte. A gente conhece isso profundamente. E se eu falo expropriação não vai direto no meu trauma, mas se eu falo abuso eu sei do que eu tô falando.

Bom, a base, por isso que eu disse que a gestão da fábrica de inconsciente nesse regime é necessariamente e exclusivamente reativa. Porque não tem bom capitalismo, porque a base é essa expropriação, esse abuso da vida, que interrompe o processo de germinação de futuros, que desvia esse movimento pulsional.

Por que qual é a essência da vida? A vida é potência de produção de novas formas, toda vez que ela se vê sufocada nas formas do presente. É essa potência de produção de formas que é desviada não para que a vida persevere, mas para que alguns acumulem capital.

E isso vale para todos nós, porque todos nós estamos estruturados – eu incluída, claro, evidentemente – estamos estruturados dessa maneira e o nosso desejo se entrega



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

gozosamente a essa reprodução. Então se fala em reprodução no marxismo, mas a produção, e a reprodução, desse regime se dá no âmbito do inconsciente.

[00:55:05] Bom, mais uma aguinha aqui!

Se a gente lembrar que pros Guarani “palavralma” se juntam potencialmente, mas não necessariamente e que todas as doenças, sejam elas orgânicas, mentais, psicológicas, existenciais são fruto da separação entre palavra e alma, a base desse regime é uma doença. Muito grave. Por isso não dá pra ter um bom capitalismo, porque a base é a doença.

A socialdemocracia ameniza um pouco talvez o grau de expropriação, mas o princípio é o mesmo. Nós não temos nenhum regulador sociocultural que cultive a conexão do espírito com a pulsão. E nós temos milhares... Aliás, também não temos nenhum regulador sociocultural que interrompa o desencadeamento de uma micropolítica reativa. E nós temos só milhares de reguladores socioculturais de imagens e etc que nos convocam pra reatividade.

Bom, vou dar um exemplo de como isso opera na relação entre homem e mulher, agora falando da relação clássica entre homem e mulher: primeiro, dizer que aquilo que a gente chamou de bruxa, que foi chamado de bruxa lá no tempo da Inquisição, por que aquelas mulheres foram chamadas de bruxas e postas na fogueira? Porque elas tinham uma função social de agir a partir dessa conexão, elas eram as mantenedoras dessa conexão, porque alguns são os mantenedores e isso diz respeito a como se produz a vida naquele ambiente, pra toda aquela ecologia: ambiental, social e mental. Essa operação que elas cumpriam é que foi chamada de bruxaria. E entra dentro dos procedimentos pra separar o espírito do fio pulsional. Então não é apenas que queimaram os corpos concretamente dessas mulheres, de onde eu e você a gente vem, né, Heidi? Tenho certeza de que aquilo que nos aproxima da psicanálise e que nos faz amar essa nossa função vem de lá. Mas não foram só os corpos concretos que foram queimados. Foi essa conexão que foi estigmatizada, humilhada e demonizada. Pra fazer o que? Pra que essa coisa que a mulher teria – quando eu digo mulher, evidentemente não sou nenhuma



PSICANALISTAS QUE FALAM

idiota, umas coisas eu aprendi já, na escolinha, eu tô falando da frequência de vibração feminina, ela tem essa função. Todos nós temos frequências de vibração feminina, frequência de vibração masculina em diferentes graus, né? A frequência de vibração masculina é quem opera essa conexão, quem faz a manutenção dessa conexão. Imagina, a manutenção dessa conexão se transformou em que? Você é responsável pela manutenção da família. O cuidado com a conexão entre o espírito e a pulsão se transformou em que? "Eu tenho por função cuidar da família, ser uma boa esposa, uma boa mãe e uma boa dona do lar". E, inclusive, nem ativando essa conexão do espírito com o fio, esse cuidado foi destituído da alma, separou da alma e virou uma palavra vazia. Nós mulheres, nessa cultura, a gente nasce sem nenhuma sustentação da nossa existência social. A nossa única existência social possível de reconhecimento na esfera pública – que esfera pública faz parte da macropolítica – é ser capaz de encontrar um homem, se possível que ocupe algum lugar mais elevado na hierarquia *fake news* e fazer uma família e ser capaz, então, de cuidar dos filhos, de ser uma boa mãe, uma boa esposa, pra que aquele homem se mantenha no alto da hierarquia e que essa família seja reconhecida socialmente, né? Nesta cultura!

[01:00:09] Os homens nascem com absoluto respaldo de existência social, já desde o nascimento, porque eles que vão atuar na vida pública, entre aspas.

Bom, então, depois até se der tempo eu quero falar essa história de público, de chamar a comunidade de público, de esfera pública, é bem complicado, mas, enfim, não sei se vai dar tempo.

Mas deixa eu voltar pra esse exemplo.

Então, o que é que acontece? Como a nossa única existência é dada por isso, nós estamos estruturadas assim, mesmo nós mulheres tantas que se revoltaram há tanto tempo contra estarem reduzidas à vida doméstica e fomos pra vida pública, mesmo nós mulheres que nessa vida pública temos um trabalho que funciona e que até, muitas vezes é reconhecido o valor publicamente, nós estamos estruturadas nesse regime de inconsciente.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então mesmo a rainha da cocada branca, ou da cocada preta, quando ela tá ali, como a fonte da existência dela é que o homem a queira, um homem a queira, e se possível um homem reconhecido socialmente.

Então, assim, eu vou contar... Não, não vou contar, porque é um caso de paciente e não vou contar aqui.

É, assim, toda vez que o olhar daquele homem se desvia da gente – e não tô dizendo que é pra ir trepar com outras não, ou com outros, sei lá – o homem disse, eu tô pegando um exemplo, assim, mais primitivo, mas que acontece, de uma mulher que ainda nem começou a ter noção desse cativoiro... O homem diz: "Eu vou pro supermercado". Aí a mulher diz assim: "Por que é que você vai no supermercado se não tem nada pra comprar?". Aí o homem recebe isso e entende isso como controle e fica putô.

Agora, o que que esse homem não sabe? Ele não sabe que a angústia da mulher nesse cativoiro é muito diferente da angústia dele nesse cativoiro. Os dois são totalmente traumatizados e totalmente angustiados. A angústia da mulher nesse cativoiro é que na hora que ele diz: "Eu vou ao supermercado", se a mulher sabe que não tem nada pra comprar, ela imediatamente decifra isso como: "Ele não quer estar comigo" e ela imediatamente cai num abismo de si que é como se nessa hora a gente fosse uma boneca inflável e que fez um furinho e murchou, virou um plástico largado no chão, o contorno. E quando essa mulher fala: "Por que se não tem nada pra comprar?", com angústia, ela tá atribuindo a ele a causa do mal estar dela, mas o mal estar dela não tem a ver com ele, tem a ver com a forma na qual ela está estruturada nesse cativoiro. Só que quando ela dirige isso pro homem, não é do supermercado que ela está falando, ela está falando desse abismo. E mesmo que ela não reivindique nada, ou não acuse, ela o está acusando de ser a causa do abismo. E o homem quando recebe essa mensagem, não é só a sensação de controle e de possessão que ele sente, ele não sabe nem do que se trata aquilo, da onde tá vindo tamanha violência. E mais, eu vou ser mais cruel ainda: com esse comportamento, a mulher é tão responsável pela reprodução da cena machista e do lugar que ela ocupa na cena quanto o homem.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

É, claro, que eu não sou nenhuma idiota, que do ponto de vista da macropolítica, as mulheres são oprimidas e têm uma luta gigantesca de esquerda pra conseguir igualdade de direitos civis com os homens. Do ponto de vista micropolítico o machismo é uma cena, é um modo de existência na relação ali – eu tô falando da heterossexualidade, mas isso pode se reproduzir em qualquer tipo de relação, né?

Do ponto de vista micropolítico, somos ambos responsáveis pela reprodução da cena, né? Eu vejo muita mulher que quando tá nesse abismo não é capaz de entrar em contato, e por não ter nada à sua volta que lhe ajude a entrar em contato com o que de fato está acontecendo pra poder sair do cativeiro, ela atribui ao homem aquilo que lhe acontece e o acusa de abusador. Aí o discurso feminista é usado pra perpetuação dessa cena. Ao invés de ser usado para aquilo que ele nasceu, que é pra se libertar dessa cena.

[01:05:02] Bom, eu dei esse exemplo, tá. Então, tá bom, o que que disse tudo...

Antes disso, uma última coisa: se na macropolítica se trata de se juntar coletivamente pra ter uma força social, de pressão social, pra mudar a distribuição de bens materiais e imateriais e mudar inclusive a lei, como é que se dá essa resistência nessa esfera, nesse plano da micropolítica? Ela se dá como? Através da reverberação entre embriões de futuro, afecções que já estão aninhadas na nossa garganta e por reverberação com outros humanos a gente se junta e cria coletivos onde é possível o que? O que é que é resistência nesse plano? Onde é possível se deslocar, abrir pelo menos um buraco no cativeiro, pra ver se um pouquinho do espírito se conecta com o fio, lançar o fio no ambiente com o espírito conectado. O fio pulsional está no ambiente, mas que o espírito possa sair minimamente do cativeiro e se reconectar com a pulsão e isso, conforme a gente vai praticando, esse conhecimento vai aumentando, o buraco vira uma janela, depois uma janela maior, depois uma porta... Mas não se iludam! Nós estamos estruturados sob esse regime de inconsciente, então é uma luta até o último dia, até o último respiro, até o último suspiro, até a morte. Porque o tempo todo, por mais que a gente esteja nessa prática de resistência, a gente volta pro cativeiro, só que cada vez mais a gente se dá conta de que caiu de novo, se dá conta de que caiu no papo da *fake news* e



PSICANALISTAS QUE FALAM

já tem o lugar que tá sendo construído fora, com o espírito conectado, e volta pra aquele lugar. É o que temos. Tá bom.

O que é que isso tudo tem a ver com a psicanálise, que é aqui que eu queria chegar, até pra encerrar.

Então, antes de ir pra psicanálise eu queria dizer de como é essa angústia no homem, porque eu falei de como a angústia tá nesse cativado pra alguém que nasceu com xoxota, digamos assim. Como que é pra alguém que nasceu com pau, falei. Ele é sustentado publicamente, mas ele vai ter que sustentar um lugar público que está a todo tempo correndo o risco de cair. E sustentar esse lugar público implica em muita coisa: implica em ter pau duro 24 horas por dia – ai, que absurdo fazer isso com a sexualidade... A sexualidade é um campo tão amplo, tão amplo... Pau duro 24 horas por dia, “ai dele se ele brochar”! Que isso? Ele vai ter que sustentar um lugar social de prestígio. Não é à toa que os corpos mais racializados dos homens caem no alcoolismo, porque estão num lugar tão humilhado que não tem como, a única saída é o alcoolismo, se não despertar pra sair do cativado... Mas vai sair do cativado! Sozinho é que não dá.

Bom, tem que sustentar isso, tem que ser capaz de ser um pai de família responsável, tem que ser aquele que salva e cuida da mulherzinha, que é uma bonequinha e precisa ser permanentemente cuidada, tem que trazer o dinheiro... Assim, a angústia que isso dá, nós mulheres nunca vamos saber como que é, como eles nunca vão saber o que é que você que tem tanta vida, que produz tanto, de repente vira uma boneca inflável que murcha porque o homem desviou o olhar de você e olhou pro outro lado. Tô falando uma coisa bem exagerada, mas é isso que acontece, infelizmente, em todas nós!

Tudo bem, o que é que isso tudo tem a ver com a psicanálise? Eu dizia no início que eu honro meu ancestral Freud, quero honrá-lo, porque Freud, no século XIX, diante da explosão desse abismo nas mulheres que apareciam na histeria, no momento em que elas estavam indo pra vida pública, que é um momento da industrialização e etc, ele sacou que aquilo que a psiquiatria considerava como doença na verdade era sintoma de uma doença que não era aquele corpo fazendo aquilo, e que não era neurológico, embora tudo que



PSICANALISTAS QUE FALAM

nos acontece é também endocrinológico, neurológico, etc. Somos corpo. E ele começou a querer decifrar o que se passava ali.

[01:10:13] O Freud, que também era um judeu, um senhor judeu lá de Viena... Quando eu digo judeu eu não tô reivindicando nada pros judeus, quando eu digo judeu, na minha cabeça como judia eu tô pensando em duas coisas: uma – em certas tradições dentro do judaísmo antes da inquisição que consistiam em cultivar a conexão do espírito com o fio pulsional, a cabala etc, que volta pra Europa Oriental no século XVII através do hassidismo que, por sua vez, foi totalmente cafetinado. E eu penso nisso e penso também num povo, sem querer reivindicar nem um pouco o lugar de vítima, o que seria totalmente absurdo, um povo que passou por milhões de experiência não só de perseguição, mas de escravidão. O que mais se sabe é a escravidão no Egito, mas os judeus foram escravizados muitas vezes, por diferentes culturas. Eu penso nisso. E quando eu penso nisso eu não tô dando um lugar especial de vítima, eu tô só dizendo que é um povo que há cinco mil anos tem que lidar com isso, para o bem ou para o mal. Porque ou isso dá numa total adesão ao cativo, que é o governo de Israel, na relação com os palestinos, mas não só. Ou isso dá também, como em qualquer outra população racializada, dá uma força pra dar o pulo do gato e fazer essa reconexão.

Então Freud foi um assim. Aí ele foi e não só ele decifrou e chamou de neurose o modo de subjetivação próprio desse cativo, como ele não ficou só teorizando sobre, ele criou um ritual, um regulador sociocultural. Um ritual regular – regular como são os rituais, pra promover essa reconexão, Então fala: "talking cure"... Gente, não é que a cura é pela palavra - "talking cure", ao contrário, é como que eu reconecto a palavra com a alma.

Porque só reconectar a palavra com a alma, é o espírito que vai decifrar o que a alma traz nessa reconexão. Porque a alma é só a sensação dos embriões de futuro dando nó na garganta, mas o espírito é aquele que decifra. Então ele fez isso. E mais: todo trabalho teórico dele era em função da própria conexão do espírito dele com as afecções



PSICANALISTAS QUE FALAM

na relação do que vinha do analisando e, a partir das respostas, é que ele foi criando toda a cartografia teórica da psicanálise.

Agora, "sorry": Freud, um senhor judeu de classe média, em Viena, no século XIX, eu não vou pedir pra esse senhor judeu além de ter feito o que ele fez, que foi de uma extrema coragem e muita força, porque ele tinha que lutar com toda a reatividade da psiquiatria, e toda reatividade, por exemplo, da ciência positivista da época, toda reatividade até do que ele teria que cumprir como macho chefe da família patriarcal judaica, que aí eram outros 500, tem mais afazeres... Ai, de um homem que não é um bom pai de família nessa... Judeu, nossa! Acabou. Bom, eu não vou cobrar dele que ele seja capaz de entender que a neurose, aquilo que ele tava sacando e inventando um dispositivo de tratamento, é um modo de subjetivação dominante no regime colonial-racializante-capitalístico, que isto é político. Então ele não para de oscilar ao longo da obra, tem momentos que está ali, vem dessa conexão do espírito e tem momentos que se perde.

Quando ele acha que o Édipo é uma estrutura universal no humano é porque ele não tem noção do vespeiro em que ele tá mexendo, aquilo vinha do iluminismo, no século anterior, que foi quem fez avançar esse regime de inconsciente.

O cara tá abalando aquele troço, tá abalando a base da tradição filosófica do ocidente, tá abalando a possibilidade, sobretudo, quando eu digo a possibilidade de se manter nesse cativeiro, que também se traduz na filosofia, que predomina no ocidente com as suas belas exceções que eu citei alguns aqui. Citei Spinoza, poderia citar o Nietzsche, poderia citar o Bergson, poderia citar Deleuze e poderia citar Guattari e muitos outros. Então ele não tinha como saber.

[01:15:10] Hoje em dia quando eu releio o Freud tem hora que eu me excito, tem horas que eu me irrito profundamente, daí quando eu me irrito eu falo: "Gente, para de se irritar, o cara fez o que pôde, para de se irritar, não enche o saco! Você tá vendo ali que é coisa de... vai lá e faz, com quem você vai se juntar pra fazer, não vai fazer sozinha, vai fazer um pedacinho, faz o que você pode, né?"



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então, assim, eu me reivindico como psicanalista. Eu, com a minha trajetória, poderia me reivindicar como esquizoanalista – que nome, né?

Deleuze e Guattari quando criaram o termo esquizoanálise, é um jeito muito esperto de lidar com aquilo com que eles estavam se confrontando. Com o que é que eles estavam se confrontando? Eles tinham uma noção muito radical disso tudo que eu tô colocando e que a batalha vai consistir em reconectar o espírito no fio pulsional, que a batalha se dá entre inconscientes que protestam, como eles diziam: "Precisamos de inconscientes que protestam, precisamos de aliados, esses aliados são os inconscientes que protestam".

E eles viam – aí não era o Deleuze que via, era o Guattari. Guattari que vinha, desde "jovenzíssimo", vinha de uma militância macropolítica e de uma prática clínica que vinha do [François] Tosquelles, essa figura maravilhosa que, como a gente sabe, era um psiquiatra catalão, anarquista, que participou da Guerra Civil Espanhola, que teve que fugir pra França, e na França, como ele já fazia na Espanha, e fazia em plenos frentes de guerra, ele foi trabalhar no Hospital Saint Alban e o modo como ele lidava, vamos dizer terapêuticamente lá, naquele hospital, era uma visão muito próxima dessa que eu tô trazendo, de outra maneira. E, assim, é nessa direção que ele levava a formação psicanalítica dele.

E o Guattari, como a gente sabe, começa a sua prática clínica em La Borde, tinha 20 anos. E La Borde foi fundada pela presença do [Jean] Oury em Saint Alban, com Tosquelles, que é uma figura divina. Não sei se vocês já viram ele, mas é uma figura!

E, curiosamente, é bom lembrar, quer dizer, curiosamente não, que legal lembrar disso: [Franz] Fanon quando veio lá pra França, o primeiro estágio dele foi com Tosquelles em Saint Alban. Tanto o Guattari quanto o Fanon – e Fanon não se reivindicava um psicanalista, ele tinha uma formação psiquiátrica, mas a psicanálise entrou no trabalho dele a partir da experiência com Tosquelles, que se juntou, como o Guattari, com toda experiência ativista que ele tinha. Nós temos o Fanon. Infelizmente o Fanon também



PSICANALISTAS QUE FALAM

morreu muito cedo, acho que não aguentou, né? Não aguentou, a gente sabe o porquê que não aguentou, né?

Enfim, temos essas...

Então, Guattari vindo dessa experiência, Guattari tinha uma experiência psicanalítica sabendo da potência micropolítica da psicanálise. Saber da potência da micropolítica da psicanálise, não é simplesmente: "Eu sou psicanalista, mas eu também sou politizada". Macropoliticamente eu sou de esquerda, mas eu também sou psicanalítica.

Então o que é que eu vou fazer com a minha psicanálise? Eu não vou atuar só em consultório com a classe média alta, eu também vou atuar nas populações racializadas. O que é maravilhoso. Nada contra, pelo contrário. O que é que eu não tô percebendo? É a potência política própria do dispositivo psicanalítico, que é uma potência micropolítica, porque é nesse campo que ele interfere. Ela nos fornece um dispositivo capaz de intervir nesse campo que vai muito além do consultório. E com isso eu não tô querendo dizer além do consultório com classe média alta porque serve também pra outras populações. Mas é uma perspectiva de leitura e intervenção na realidade em todos os planos da vida social.

Então Felix [Guattari] sabia da potência política da psicanálise. E quando ele se juntou com Deleuze é isso que ele trouxe naquela parceria. Em que se juntava o ativismo macropolítico dele com a plena consciência da potência micropolítica da psicanálise.

[01:20:06] E quando eles inventam o termo esquizoanálise, por que que era? Porque essa potência micropolítica da psicanálise ela já desaparecia ora sim, ora não na própria obra do Freud e é ela que se impôs como dominante... Aliás, ela já desaparecia. E é esse recalque dessa potência micropolítica que se impôs como modo dominante de entender e praticar a psicanálise, essa potência micropolítica tá recalcada na história da psicanálise, foi recalcada. E os psicanalistas, isso foi a maioria, claro que tem maravilhosas exceções, como sempre, como em tudo, mas a maioria dos psicanalistas está sob domínio do regime de inconsciente colonial-racializante-capitalístico eles próprios e é com isso



PSICANALISTAS QUE FALAM

que eles trabalham com seus analisandos. "Vamos adaptar melhor aqui a esse regime de inconsciente porque tá dando "crepe" aqui".

É claro que nós temos muitos colegas psicanalistas que não é isso que eles fazem, que eles estão lá operando dessa outra maneira, querendo reconectar o espírito com o fio, mas por não saber a força política que isso tem e a urgência que isso tem e agregar essa dimensão à tradição de luta da esquerda, por não saber isso limita muitíssimo sua prática.

E se eu tô falando isso tudo aqui... E eu dizia que eles inventaram o termo esquizoanálise, porque eles tinham que de alguma forma arrebentar com esse recalque, eles tinham que de alguma forma falar de um outro lugar. E na França dos anos 70, que é quando eu vivi na França, nos anos 70, com o rumo que o lacanismo tava levando – eu não tô dizendo que Lacan seja isso, acho que Lacan tem uma grande contribuição, mas o Lacan, como todos nós, também está sob esse regime, a gente cai nele e a vontade de poder dele narcísica, tinha bastante poder narcísico, era grande e tudo bem, e o que venceu ali, da maravilhosa... das várias contribuições que ele trouxe, foi a linha ali do genro [Jacques-Alain Miller] que pegou o trem lá de desejo de acumulação de poder narcísico, econômico e político.

Então, a coisa era tão poderosa, lá na França naquele momento, eu poderia contar milhões de cenas, mas não vai caber aqui – foi lá que eu tive minha formação – foi tão poderosa que eles tiveram que inventar outro nome: esquizoanálise.

Não é psico, eu não tô grudada... Psico é a dimensão ali da dimensão pessoal e esquizo é essa esquize entre o espírito e o fio pulsional que tem que ser rejuntado, ou entre nossa vivência transpessoal, que é essa vivência enquanto ser vivo, como parte do ecossistema, e nossa vivência pessoal estruturada numa determinada cartografia sociocultural, isso tem que ser reconectado. Então eles inventaram um nome. Quando você tem que rejuntar uma palavra com a alma, você podia juntar a palavra psicanálise com essa força clandestina fundante, com a alma dessa palavra, mas às vezes a palavra tá tão cagada – que é bem o caso, que você tem que inventar outra, tem que fazer um



PSICANALISTAS QUE FALAM

neologismo. Às vezes não tá tão cagada e você consegue arrastar pra outro lugar a palavra, dependendo de onde você coloca ela. Mas, às vezes, tem que inventar um neologismo.

Então, assim, eu não me identifico com quem toma a esquizoanálise como uma nova escola e muito menos que se contrapõe à psicanálise. Eu me identifico nessa tradição da psicanálise, e me identifico com Freud e o homenagem aqui, porque eu me identifico com essa batalha, por essa reconexão. E se eu me chamo psicanalista, é uma decisão estratégica, porque eu quero afirmar publicamente que isso é psicanálise. E eu desejo muito contribuir ao campo dos meus colegas psicanalistas, como eles contribuem com outros aportes, é uma ecologia ali, pra que isso circule aí nas veias.

E eu vou dizer: desde pequena – e eu tô encerrando com isso, não falei nada da minha história aqui, porque não interessa, falei aí vagamente que eu fui exilada na França – desde pequena isso é uma coisa que me convoca muito, essa reconexão. Então a minha rebeldia nunca teve a ver apenas com não querer obedecer ao que era esperado de mim como mulher, por exemplo. Ou de não querer obedecer o que a escola me obrigava a ler ou a dizer. É porque desde pequena – mas isso eu só posso dizer, claro, retrospectivamente, *après-coup*, né? É isso que me interessava.

[01:25:32] E aí primeiro eu fui pra sociologia, não tinha nada disso, a sociologia era totalmente reduzida à macropolítica. Daí fui pra filosofia, mas aí na filosofia encontrei, através do Deleuze, essa linhagem...

Só pra retomar um pouco o exemplo que eu dei de homem e mulher e porque é que não basta criar novas categorias libertárias, o que há de mais forte nos movimentos LGBTQI+ e o + ele garante que é um "endless", é um processo infinito de transfiguração, essa é a potência da vida. Em função do que o espírito capta no ambiente e daquilo que a vida, naquele ambiente está precisando pra se recompor, pra voltar pro seu movimento, resgatar o ritmo do movimento. E quando a gente age dessa maneira, o que a gente age, o fruto da nossa ação ele é uma parcela daquilo que todo aquele ambiente tá fazendo, cada um com suas potências próprias, cada corpo tem sua potência, tem suas



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

capacidades de afecção e suas linguagens próprias, pra recompor esse equilíbrio. O "+" é muito importante esse "+". Porque os LGB... são nomes provisórios que a gente dá pra um certo modo de ser que escapou do cativo, mas tem um "+" que garante que isso vai continuando a se processar, inventando outros nomes.

Então isso que eu falei da relação entre o homem e a mulher, se reproduz, pode se reproduzir em uma relação homossexual, trans... Todos os tipos de relações. Isso pode se produzir. E a gente tem que estar muito atento a isso, porque estando no cativo desse regime de inconsciente, tudo se reproduz ali, não precisa ser homem, mulher ou heteronormativo, né?

Enfim, mas eu queria encerrar dizendo que essa coisa que eu disse que Guattari sabia tão bem e que aqueles que são os detratores do Guattari e que querem separar Deleuze de Guattari e fazer com que a obra seja só do Deleuze, são aqueles que querem tirar da obra a força micropolítica que essa obra tem e que vem do Guattari, que com isso você pode transformar o Deleuze num monumento da história da filosofia neutro e tá tudo certo, tá tudo apaziguado. Os que fazem isso é porque não têm como lidar com os efeitos dessa explosão na própria subjetividade deles. Eles têm que manter a reprodução do regime de inconsciente colonial-racializante-capitalístico produzindo pensamento a partir de uma desconexão do espírito com o fio pulsional e o espírito mantido em cativo.

Então eu desde pequena eu sinto essa necessidade. Eu dizia que a minha rebeldia, que desde muito pequena eu fui muito rebelde, dei muito trabalho pros meus pais, por sorte e talvez até por isso que eu tenha essa rebeldia, eu tenho pais, cada um com suas possibilidades, que me proporcionaram isso. Meu pai me trazendo isso de uma certa tradição judaica da qual ele vinha. E minha mãe me trazendo isso da experiência de menina que perdeu a mãe quando veio fugindo de lá e que foi jogada pelo seu pai numa escola pública de periferia interna e que não ia visitá-la. E é lá, na periferia do Rio de Janeiro, que essa mulher tão inteligente, desenvolveu uma capacidade de se conectar com tudo e ter uma capacidade racional de entendimento e de não submissão, que se juntou com essa



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

tradição judaica que veio pelo meu pai e pela via do pai dele, que me proporcionou isso. Mas eu dei muito trabalho.

Agora essa minha rebeldia não era só que eu não me identificava com a "mulherzinha", com a "noivinha", que vai ter que arrumar... No caso um marido judeu, ainda por cima, nesse molde... Que as deusas me livrem! Não que eu tenha nada contra homem judeu, não é isso, mas eu tô dizendo: ser obrigada a, e um certo tipo, tinha que estar ali com reconhecimento social garantido, né?

[01:30:00] Não foi isso que me fez me rebelar contra uma certa tendência que predomina na escola e na universidade. Eu fui buscar, como eu disse, isso na sociologia e não encontrei, fui buscar isso na filosofia aí encontrei com certos pensadores da filosofia, e encontrei isso muito fortemente... Vivi isso na contracultura no Brasil e não por acaso tinha um abismo entre os ativistas contraculturais e os militantes macropolíticos. Abismo que já me fez muito mal, mas que hoje eu me reconcilio com isso, entendo o que se passa e quero que a gente possa articular essas dimensões, desejo isso, vou parar de reclamar. Eu quero dar o que eu posso pra isso. Como outros tantos vão dar, cada um dá o que pode, né?

E na França pós-68, imediatamente eu conheci a Lygia Clark, conheci o Guattari e fazia as aulas do Deleuze, fui fazer análise com o Guattari, tinha todo um campo social de amigos e rede de amigos que era nessa pegada... Aquilo que eu sabia dentro de mim, que eu mais desejava, deixou de ser humilhado como eu fui humilhada no Brasil e fui presa por isso, né? Fiquei dois meses presa e minha imagem pública foi totalmente destruída. Foi graças a lançar o fio naquele ambiente e começar a fazer a teia ali com esses elementos que eu não me matei. Porque eu tentei me matar quando eu cheguei no exílio, mas eu não me matei e não vou me matar nunca mais. Enfim, é o trabalho de uma vida, né?

E aí nessa pegada eu resolvi fazer psicanálise e tive a sorte de estar lá quando se criou [Faculdade] Paris 7, que na sua fundação, acho que hoje não sei se essa pegada já se perdeu, mas na fundação, ela inclusive não se chamava Faculdade de Psicologia, se chamava Faculdade de Ciências Humanas Clínicas. Eram praticamente todos



PSICANALISTAS QUE FALAM

psicanalistas e todos na linha Tosquelles, La Borde, tarará... De diferentes maneiras. E, como tinha que seguir o currículo obrigatório, tipo como se fosse Capes aqui... Então tinha psicometria, por exemplo, mas o professor de psicometria, era uma sala desse tamanho, ele falava aqueles negócios, aí quando acabava a aula a gente ia pra um auditório daqueles de filme, assim, com aquelas bancadas... E tinha o Michèle Torr que é filósofo e destruía assim, problematizava a psicometria de cabo a rabo, assim, na sequência. Então eu tive isso, tive uma formação psicanalítica nessa linha, participei de toda essa guerra que se promoveu naquele momento, não só nos movimentos de alternativa à psiquiatria, que eu participei, mas esse combate que toda essa linhagem, que teve Deleuze e Guattari... E aí Guattari é muito importante nisso, a possibilidade de fazer essa reconexão, de combater isso que ficou recalcado na psicanálise pra levar isso pra outro lugar. Então isso me permitiu seguir, né?

Enfim, eu pararia por aqui. Agradeço essa oportunidade de tentar articular esse conjunto de coisas que me parecem boas de compartilhar a partir da minha experiência e a partir daquilo que eu posso e daquilo que eu consegui até agora, que eu espero seguir conseguindo, porque na hora que eu não tiver mais isso, eu já avisei para as minhas sobrinhas que é "tchau e benção", não quero ficar ligada em aparelho nenhum. (*beijo e risos*)

[HEIDI TABACOF] Obrigada, querida.

FIM.



PSICANALISTAS QUE FALAM – EPISÓDIO #8 – SUELY ROLNIK

FICHA TÉCNICA

Duração: 95'

Ano de Produção: 2022

País: Brasil

Idioma: português

Gênero: documentário

Classificação Etária: livre

Direção e Produção executiva: Heidi Tabacof

Produção: Ana Prynck e Quelany Vicente

Assistência de direção: Jonas Tabacof Waks

Câmeras e som direto: Cecília Engels e Jozzuu

Edição: Cecília Engels

Design gráfico: Julio Dui_mono

Comunicação Digital: Quelany Vicente e Jonas Tabacof Waks

Realização: Tupi produções

www.psisquefalam.com



@psisquefalam



@psicanalistasquefalam